

A Universidade Católica e o futuro da Universidade⁽¹⁾

Walter Osswald⁽²⁾

Quando esta Universidade me honrou com o convite para proferir esta breve alocução, deixou à minha escolha o tema a que me devo cingir. Logo divisei a Universidade, e esta Universidade, como preocupação, afecto, desafio intelectual, esforço individual, compromisso colectivo, templo celebratório de vitórias, refúgio acolhedor nos revezes... Ergueu-se assim a Universidade diante de mim e apostrofou-me deste modo: Fala, fala de mim, de como me conheceste, do que te fez ser meu fiel servidor e meu irado contestatário, do que amas e do que detestas em mim, do que gostarias que eu fosse, do que esperas e desesperas...

Ora, não havendo disponibilidade de tempo e de talento próprio para responder a esta solene convocação, vou-me limitar a três breves apontamentos acerca do que é e não é a Universidade, da Universidade do futuro, e finalmente, do futuro da Universidade Católica. Antes de o fazer, devo apresentar, como é costumeiro hoje em dia, uma declaração de interesses. Na realidade, são quatro as Universidades que marcaram o meu percurso: em primeiro lugar, a do Porto, em cuja Faculdade de Medicina me licenciiei e doutorei e que durante 42 anos servi, não sei se bem ou mal, mas com total dedicação. Depois, a de Frankfurt, onde durante um ano fui assistente

¹ Texto que serviu de base para a Oração de Sapiência proferida na inauguração das aulas no Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa (30.09.08)

² Professor Catedrático aposentado da Faculdade de Medicina do Porto, conselheiro do Instituto de Bioética da UCP

convidado e onde verdadeiramente me formei como investigador científico. A Universidade de Coimbra concedeu-me, com generosidade imerecida, o título de doutor por causa da honra. A Universidade Católica Portuguesa acolheu um professor aposentado, entregou-lhe confiadamente os destinos de um pequeno e modesto Grupo de Investigação em Bioética, não lhe negou os modestos meios solicitados, acarinhou as suas iniciativas e ainda o fez dirigir o então novel Instituto de Bioética que hoje, sob outra direcção, bem mais dedicada, brilhante e competente, se tornou num dos grandes contributos desta Universidade para o bem comum e a formação de uma consciência ética. Apesar da dívida de gratidão para com a UCP, que nunca poderei pagar, devo declarar que a minha alma mater é a Universidade do Porto. Neste contexto, passo ao

Primeiro ponto. A Universidade não é uma fábrica de diplomados, nem uma empresa com fins lucrativos, nem uma instituição social, nem um centro de investigação. Poderá ter algo de tudo isso, mas essa feição não será nunca determinante ou característica. É por isso que a distinção entre universidades de ensino e universidades de investigação não encontra fundamento minimamente convincente – as primeiras seriam uma espécie de salas de estudo de primeira classe e as últimas laboratórios dependentes dos subsídios do estado e da indústria, sem liberdade científica. Por outras palavras, seria extremamente redutor identificar a Universidade com uma das suas faces ou vertentes e fazer tabula rasa das restantes. Sim, os pais exigem que os seus filhos saiam da Universidade com o diploma que lhes abrirá as portas do emprego; é legítimo que os governos velem pelo equilíbrio financeiro das instituições que tutelam; o justo sentido de responsabilidade e solidariedade espera que o acesso e a frequência de estudos superiores não dependam de circunstâncias outras que a capacidade e o mérito do candidato; mas todas estas premissas correctas perdem a sua validade se invocadas em exclusividade. A Universidade não se limita a fornecer profissionais competentes, a gerar lucros, a reparar injustiças sociais, a promover o progresso científico, por tudo isso ter obrigação de fazer e muito mais.

A Universidade é centro de inovação, com gente nova e gente experiente, capaz de entender as línguas dessas gentes e de detectar os sinais dos tempos; de preservar e de revolucionar; de criar bons profissionais e de acolher os que querem saber mais; de transmitir saber e de criar conhecimento; de exigir aos seus estudantes solidez científica e competência civil, gestos técnicos e relações humanas eticamente adequadas. Se o nome da cidade de Bolonha se tornou num ícone linguístico, seria bom que ao menos tivéssemos presente que Bolonha foi a primeira universidade de professores e escolares, livre de tutelas e imune ao gigantesco dedo indicador do Estado, que aponta constantemente

às Universidades os caminhos que têm de calcorrear, se quiserem continuar a receber as parcas migalhas que da mesa do erário público vão caindo para serem disputadas entre as Universidades, e entre estas e os Politécnicos, etc. e restantes instituições do ensino superior. Um triste exemplo, bem recente, destes combates fratricidas, é-nos fornecido por um Reitor demissionário, que publicamente se queixa de uma, em seu entender excessiva, protecção dispensada pela tutela à investigação científica, a qual prejudicaria os apoios dispensados ao ensino.

Não é Universidade uma repartição pública onde impera a manga de alpaca, os órgãos de gestão são múltiplos, divisos, e sobretudo impotentes. Não é Universidade um conjunto de escolas que se desconhecem mutuamente, pautam as suas relações pela desconfiança e quiçá pela inveja, e em que cada departamento, serviço ou cadeira tenta singrar com rota própria. E onde tantas vezes os resultados de concursos e as promoções dependem mais de circunstâncias acidentais ou exógenas do que dos méritos dos candidatos. Não é credível a escola que durante anos deixa apenas entreaberta a porta da admissão de alunos, reduzindo a um mínimo o numerus clausus, para mais tarde a escancarar, pressionada pelos governantes e na esperança de conseguir assim maior número de contratos docentes.

Segundo ponto. A Universidade do futuro, já o disse em outra ocasião e com mais detenção³, será a universidade de mestres e escolares, diferente da que conhecemos hoje, como é próprio da evolução ontológica. A sua gestão, não paritária, terá a intervenção da comunidade, através de um órgão que poderá ser um Conselho Geral, mas o poder – serviço estará a cargo de um Reitor eleito. Poderá ter faculdades ou departamentos ou escolas, mas o importante é que o ensino – aprendizagem se caracterize pela interdisciplinaridade e que as escolas sejam sobretudo locais de encontro, e fertilização cruzada, e troca de experiências e opiniões entre cultores e aprendizes de saberes diversos, no intento de alcançar a sabedoria. Local de exercício de cidadania, foco de resistência ao unanimismo, terreno a desbravar na procura dos melhores caminhos, as Universidades terão nos seus professores, pessoas que ensinam não letra morta adquirida de outros mas conhecimento vivo para cuja aquisição contribuem através da sua investigação, os ministros de uma educação verdadeiramente superior, em diálogo e tensão com a polis, que os respeitará e admirará, mas lhes exigirá contas. Este diálogo é difícil, já que o desenvolvimento que acompanha e resulta da investigação é, legitimamente, o

³ W. Osswald, La pertinence actuelle de Humboldt: mythe ou réalité? CRE-information, 72:7-14, 1985; W. Osswald, Humboldt revisitado ou uma opinião sobre o ensino e a investigação na Universidade, Brotéria, 142: 159-172, 1996; W. Osswald, Futuro da Universidade, Universidade do futuro, Bol. Univ. Porto, 9 (34): 7-15, 1999

que a sociedade mais espera obter da Universidade, como contrapartida para o seu apoio e empenhamento. Ora, em boa verdade, o objectivo pragmático consubstanciado pelo termo desenvolvimento não é, seguramente, a característica única da actividade investigacional; a pesquisa, a procura (a *Forschung* de Humboldt) é uma actividade da mais alta exigência intelectual e basta-se a si mesmo e encontra justificação por ser indispensável para a criação de cultura – lembro que o termo alemão é *Bildung*, que tem uma raiz comum com construção e formação, mas também com retrato ou imagem. A investigação é pesquisa, procura da verdade, tentativa de dilucidação, de interpretação, do entender; ou, como tão bem a definiu Goethe, é a penetração do espírito humano nos seus próprios segredos e nos do mundo. Dela resultam, em regra, abundantes frutos práticos, mas a precedê-los estará sempre a prodigiosa e multicolor floração – não haverá fruto sem flor precursora, mas muitas flores morrem sem dar fruto.

Finalmente, a universidade do futuro ultrapassará a dilemática questão: técnica ou humanidades? Não haverá nela predomínio de uma sobre a outra destas indispensáveis facetas da cultura, da *Bildung*, pois, como já Montaigne recomendava, ela esforçar-se-á por estabelecer as condições para que os seus mestres e escolares tenham cabeças bem feitas em vez de cabeças cheias. Neste sentido, Álvaro de Campos decretou que o binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo. Tem razão: é tão científica a identificação de traços micénicos nos hexâmetros dactílicos de Homero como a descoberta de um SiRNA silenciador de um gene no cromossoma X.

Esta Universidade do futuro terá por isso dificuldade em entender a hodierna querela entre humanistas e cientistas, em que impera a arrogância dos que erradamente crêem que a ciência se restringe ao objectivável, mensurável, observável e reproduzível e querem afastar do seu convívio académico os cultores das "letras", "ciências do espírito" ou "humanidades" (para usar as designações das culturas latina, germânica e anglo-saxónica).

Terceiro e último ponto: A Universidade Católica no futuro. Antecipo-me à vossa surpresa, perguntando-me: quem sou eu, para emitir opinião acerca do caminho futuro desta relativamente jovem mas já veneranda instituição, quem sou eu para o fazer frente a tão augusto auditório, esse sim legítimo representante desta Universidade. Como ousou eu falar sobre tema em que abunda a literatura de alta qualidade, provinda de instituições responsáveis e da própria autoridade papal, recentemente ainda reforçada com notável discurso, teológico, pastoral e académico, proferido por Bento XVI? Como dizer algo, quando sei que nos últimos meses este Centro Regional procedeu, com entusiasmo, dedicação e competência, ao inédito exercício de análise e reflexão sobre a sua identidade, os seus valores, os seus objectivos, mas

também as suas forças e as suas debilidades – exercício em que a minha modesta prestação serviu sobretudo para que mais admirasse o trabalho de tantos outros.

Atrevo-me por isso apenas a apresentar os traços fundamentais e caracterizantes que creio serão os da face serena, bela e acolhedora da nossa Universidade futura. Vejo-a como agente e terreno de uma educação liberal, não no sentido em que a política nos habituou a entender tão importante termo, mas no sentido de quem preza e respeita a liberdade humana, como de resto o reconhecia a medieva universidade eclesiástica, ao ensinar o trivium e o quadrivium, que denominava de artes liberais: daqui se depreende que as artes da música ou da retórica terão nela acolhimento. Ela estará pronta a referir os seus valores nucleares, a encetar diálogos com a sociedade: será capaz de colocar entre eles a liberdade, o respeito pela pessoa humana e pela sua dignidade, o alto valor da vida, o poder do conhecimento, a necessidade e a obrigação de viver solidariamente em comunidade, a prática da justiça e da partilha. Não rezeará o avanço da ciência, mas não o confundirá com o progresso ou a felicidade, apta como estará a uma exigente e compassiva atitude ética. No seu discurso aos estudantes, aos eventuais e aos já inscritos, bem como aos seus pais e amigos, dirá sempre a mesma coisa:

Somos uma universidade que persegue a excelência, técnica e humana. Cultivamos valores e, não os impondo, propomo-los aos nossos escolares. Para tal, é necessário que os nossos docentes apresentem, com total lealdade, os grandes princípios orientadores postos à colação; e não será admissível que sejam defendidas propagandas propostas frontalmente divergentes das ensinadas pelo Magistério. Esforçamo-nos por oferecer uma educação liberal, respeitadora dos direitos humanos, solidária, subsidiária, solícita. Aqueles que conseguirem iniciar a sua educação superior connosco desenvolverão os seus talentos e poderão pô-los ao serviço da comunidade. Serão capazes de falar com qualquer pessoa, de ouvir com atenção, de ler com interesse um vasto leque de estilos, de escrever com simplicidade e sentido, de abominar a ambiguidade e a mentira, e ajudar (ou pelo menos tolerar) o próximo, de incorporar o estudo como um hábito nas suas vidas. Serão pessoas na esplêndida liberdade dos filhos de Deus (mesmo que o neguem ou ignorem) e esta liberdade desemboca no serviço das liberdades que são os outros.

Este autêntico manifesto vai ao encontro do que William Cronon, prestigiado autor e professor universitário nos EUA, escreveu em 1998 no seu célebre ensaio "Estabeleçam ligações", publicado em *The American Scholar*. Cronon conclui que a educação para a liberdade é educação para a comunidade, para a mudança e para fazer a diferença. Ao fim e ao cabo, afirma, esta educação celebra o amor, o ágape que é o coração de todas as grandes religiões.

Mais do que tudo isto, a Universidade Católica é portadora de uma mensagem que está gravada no seu próprio ser e que o seu logótipo tenta reproduzir. Na realidade, ela está e tem de estar ao serviço da verdade, na esteira da melhor e mais dignificante tradição. De facto, como luminosamente afirmou o teólogo Romano Guardini, "se a Universidade tem um significado espiritual, então certamente será o de ser a instituição onde se procura a verdade. A verdade pura; procurada, não com um fim em vista, mas por ela própria, por ser a verdade". Esse logótipo que define, interpela e anima, completa a frase do teólogo, ao gravar em grandes letras, VERITATI, e nelas inscrito, o doloroso e glorioso Cristo, que também é alpha e omega, Caminho e Vida.

Walter Osswald